



TURISMO, EDUCAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO CONTEXTO RURAL

Jean Carlos Vieira Santos – UEG – Caldas Novas – Goiás - Brasil
svcjean@yahoo.com.br

Vandervilson Alves Carneiro – UEG – Goiás – Goiás - Brasil
profvandervilson@yahoo.com.br

Edevaldo Aparecido Souza – UEG – Goiás – Goiás - Brasil
ediueg@gmail.com

Auristela Afonso da Costa – UEG – Goiás – Goiás - Brasil
aurigeo16@hotmail.com

Vinícius Polzin Druciaki – UEG – Goiás – Goiás - Brasil
geomobilidade@gmail.com

RESUMO

O presente artigo teve como eixo central apresentar observações e reflexões acerca do trabalho de campo desenvolvido na zona rural do Pantanal do Rio Negro, município de Aquidauana, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, com análises de usos e apropriações dos espaços e atrativos turísticos conhecidos durante a atividade empírica. Empregou-se o método analítico, por meio da leitura das paisagens regionais, do vivido e dos aspectos percebidos durante a pesquisa. Os resultados indicaram as observações empíricas e sua importância para o turismo rural, com destaque para os elementos visíveis e as limitações de cada atrativo turístico rural da paisagem. Nesse contexto, foram fundamentais os diálogos com Bagega e Werlang (2017), Branco (1997), Guerra (2006), Klein e Souza (2015), Moraes (1990), Neves (2015), Santos (1982), Silveira (1999), entre outros. Nas considerações finais, além de reforçar os conteúdos trabalhados na investigação, enfatizou-se a necessidade de valorização e preservação da cultura do “Homem Pantaneiro”, na perspectiva de desenvolvimento turístico rural.

Palavras-chave: Turismo Rural; Pantanal; Patrimônio; Educação.

TOURISM, EDUCATION AND VALUATION OF RURAL CONTEXT

ABSTRACT

The present article had as its central axis to present observations and reflections about the fieldwork developed in the rural area of Pantanal of Rio Negro, Aquidauana municipality, state of Mato Grosso do Sul, Brazil, with analyzes of

uses and appropriations of the known tourist attractions and places during the empirical activity. It was applied the analytical method, through the reading of regional landscapes, the lived factors and the aspects perceived during the research. The results indicated the empirical observations and their importance for rural tourism, highlighting the visible elements and the limitations of each rural tourism attraction of the landscape. In this context, the dialogues with Bagega and Werlang (2017), Branco (1997), Guerra (2006), Klein and Souza (2015), Moraes (1990), Neves (2015), Santos (1982) and Silveira (1999), among others. In the final considerations, in addition to reinforcing the contents worked on researching, it was emphasized the need for valorization and preservation of “Pantaneiro Man” culture, in the perspective of rural tourism development.

Keywords: Rural Tourism; Pantanal; Heritage; Education.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como eixo central apresentar as observações e reflexões acerca do trabalho de campo desenvolvido na zona rural do Pantanal do Rio Negro, município de Aquidauana, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, com análises de usos e apropriações dos espaços e atrativos turísticos conhecidos durante a atividade empírica. Dentre os diferentes espaços que têm incorporado o turismo, mais recentemente se encontram os espaços rurais. A chegada do turismo:

[...] às áreas rurais surge como alternativa socioeconômica para os agricultores e uma opção de lazer para aqueles que procuram atividades turísticas diferenciadas. Por conseguinte, visto que o turismo é uma atividade que origina uma série de dinâmicas nos locais que o incorporam, proporcionando perspectivas para a melhoria da qualidade de vida de populações rurais, este pode estar atuando como promotor do desenvolvimento de comunidades rurais (TEIXEIRA; SOUZA, 2012, p. 232).

Dessa maneira, o turismo rural ou turismo no espaço rural, “[...] ao ter nas particularidades socioculturais e naturais os seus atrativos, propicia a valorização do meio rural, condicionada à conservação ambiental, patrimonial, cultural etc., e traz conjuntamente uma nova função a este espaço” (TEIXEIRA; SOUZA, 2012, p. 233). À vista disso, verifica-se que o:

[...] Turismo Rural é uma atividade muito ampla, com diversas áreas para serem exploradas. Por ser uma atividade em meio rural, ela proporciona diversos benefícios, sejam econômicos ou psicológicos, uma vez que proporcionam satisfação aos visitantes que podem desfrutar de aventuras, passeios, culinária e cultura. Essa prática é bastante complexa e deve ser desenvolvida com muito cuidado, planejamento e sustentabilidade, a fim de não prejudicar o meio ambiente local (BAGEGA; WERLANG, 2017, p. 284).

Para Pimenta (2014, p. 129-130), o “[...] turismo rural é a prática de todas as atividades que estão inscritas nas diversas modalidades do turismo e que se complementam entre si”. Logo, o agroturismo e os turismos ecológico, de aventura, de negócios, de saúde, cultural e desportivo são vertentes do turismo desenvolvido no espaço rural. De forma concisa, pode-se entender o turismo rural ou turismo em espaço rural como a atividade turística realizada em áreas, territórios e paisagens fora do contexto urbano.

O método desenvolvido no presente trabalho foi o analítico, por meio da leitura das paisagens regionais, de elementos vividos e dos aspectos percebidos durante o trabalho de campo, ou seja, as observações empíricas foram fundamentais na construção do presente manuscrito, sem um roteiro de investigação definido. No entanto, os resultados trazem uma descrição cuidadosa dos investigadores presentes no campo, apresentando as particularidades do território pesquisado.

Assim, buscou-se entender os aspectos visíveis e as limitações de cada atrativo turístico rural da paisagem, em que os trabalhos de campo são fundamentais para o levantamento de dados empíricos, constituídos a partir de “[...] uma metodologia que engloba a observação, a análise e a interpretação de fenômenos no local e nas condições onde eles ocorrem naturalmente” (NEVES, 2015, p. 15).

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi fundamental seguir os seguintes passos: revisão bibliográfica, consulta à internet e atividades de campo. As leituras da paisagem pantaneira na região do Pantanal do Rio Negro¹ e seu grande potencial para o desenvolvimento do turismo rural e científico comportam uma multiplicidade de ações e práticas de educação sociocultural, turística e ambiental, o que pode ocorrer tanto no âmbito da própria área como na interação com outras ciências.

Este texto busca também refletir sobre a atividade turística no Pantanal mato-grossense. Desse modo, o trabalho foi subdividido em região pantaneira no interior do Brasil; e resultados obtidos no campo. A primeira parte traz um debate a respeito das categorias de análises geográficas ‘paisagem’ e ‘região’, além das definições de complexas caracterizações do Pantanal mato-grossense. Já a segunda parte aborda as experiências e análises obtidas a partir do trabalho de campo feito na região pantaneira do Rio Negro, com destaque para os atrativos e a forma como o turismo se apropria das riquezas naturais e econômicas geradas a partir da captura dos potenciais e conteúdos de ruralidade disponíveis.

¹ Essa parte de trabalho contou com as contribuições teóricas do Projeto de Pesquisa “Turismo e Estratégias Territoriais no Cerrado: destinos e cidades em Goiás” em desenvolvimento na UEG.

Ao final, associa-se essa discussão aos interesses de estudos realizados no campo da geografia.

Nas considerações finais, além de reforçar os conteúdos apresentados, enfatiza-se a necessidade da valorização e preservação da cultura do ‘Homem Pantaneiro’, na perspectiva de desenvolvimento turístico rural local, com os conteúdos materiais e imateriais das comunidades tradicionais ali presentes.

A REGIÃO PANTANEIRA NO INTERIOR DO BRASIL: PAISAGENS E CONTEÚDOS RURAIS

De acordo com Moraes (1990), La Blache planejou uma obra coletiva, a Geografia Universal, que foi executada por seus discípulos. Cada um escreveu sobre determinada porção do planeta para explicitar um conceito vislumbrado por Vidal de La Blache, que seria tomado como o balizamento central da geografia francesa posterior, isto é, a região:

Esta era a denominação dada a uma unidade de análise geográfica, que exprimiria a própria forma de os homens organizarem o espaço terrestre. Assim, a região não seria apenas um instrumento teórico de pesquisa, mas também um dado da própria realidade. As regiões existiriam de fato, e caberia ao geógrafo delimitá-las, descrevê-las e explicá-las (MORAES, 1990, p. 75).

Na trajetória histórica, a noção de região se originou na geologia. Conforme Moraes (1990), a terminologia foi trazida para a Geografia por Lucien Gallois (1908), que escreveu a obra “Regiões naturais e nomes de lugares – estudo sobre a região de Paris”. Nesse caso:

A região seria uma escala de análise, uma unidade espacial, dotada de uma individualidade, em relação a suas áreas limítrofes. Assim, pela observação seria estabelecer a dimensão territorial de uma região, localizá-la e traçar os seus limites. Estes seriam os dados pela ocorrência dos traços diferenciadores, aqueles que lhe conferem um caráter individual, singular (MORAES, 1990, p. 75).

Ao mesmo tempo em que a região seria uma escala de análise para Moraes (1990), Lencioni (1999, p. 187) assevera que essa palavra torna os geógrafos prisioneiros de um problema complexo, por apresentar sentidos variados, isto é, “[...] uma palavra de uso corrente e, como às vezes ocorre com o discurso geográfico, se exprime por metáforas”. Outra dificuldade citada é o fato de o termo ‘região’ assumir, frequentemente, um caráter ideológico, na medida em que serve de referência para a construção de mistificações geográficas, ao se tornar um instrumento de manipulação política. Nesse entremeio, Moraes (1990, p. 76) postula que:

[...] a ideia de região propiciou o que viria a ser majoritária e mais usual perspectiva de análise do pensamento geográfico: A Geografia Regional, de Richard Hartshorne. Esta, sem dúvida a mais costumeira forma de estudo empreendida pelos geógrafos [...].

Em “Da Sociedade à Paisagem: O Significado do Espaço para o Homem”, uma região pode ser definida como paisagem, com a possibilidade de ser:

Uma região produtora de algodão, de café ou de trigo. Uma paisagem urbana ou uma cidade de tipo europeu ou de tipo americano. Um centro urbano de negócios e as diferentes periferias urbanas. Tudo isso são paisagens, formas mais ou menos duráveis. O seu traço comum é ser a combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais a ser o resultado da acumulação da atividade de muitas gerações (SANTOS, 1982, p. 37).

Serpa (2010, p. 133) pontua que:

A paisagem resulta sempre de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é uma sem ser totalizante, é compósita, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. A paisagem pressupõe, também, um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos “visíveis”, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, em princípio, “invisível”, e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade.

Ao discorrer sobre o conceito de região e seu uso nos diversos ramos do conhecimento, pode-se dizer que ele resultou em inúmeras interpretações e significados nos verbetes dos dicionários, técnicos ou não, mas que também são fundamentais para as discussões empíricas nas diferentes vertentes geográficas. Nas ciências e, principalmente, na geografia, tal termo engloba os sistemas sociais, culturais, econômicos, turísticos, urbanos, naturais e outros.

Além disso, “[...] os diferentes ramos da geografia desenvolveram práticas e instrumentos específicos para analisar os fenômenos relacionados com a sua área do conhecimento” (NEVES, 2015, p. 16). Nesse sentido, interpretações e análises podem ser dadas a um mesmo fenômeno, dependendo da área de estudo e do arcabouço teórico-metodológico eleito para a abordagem dos objetos ou sujeitos investigados.

Com base nessas premissas, a presente publicação volta-se para a abordagem turismo rural e suas múltiplas relações com a paisagem pantaneira, pois a multiplicidade de configurações paisagísticas dessa região brasileira, sempre estimulou reflexões e diálogos de estudiosos da geografia, um desafio com motivações as mais diversas. As condições geográficas e a extensão do território pantaneiro condicionam um ambiente rural com rica diversidade de paisagens, favoráveis a prática do turismo rural.

Silveira (1999, p. 52) cita que, somente no século XVIII, a região investigada, localizada no Brasil Central, passou a ser conhecida como Pantanal, “[...] mas o nome é impróprio, a região não é um pântano, como fica sugerido, e sim uma planície sujeita a inundações”. De fato:

O Pantanal Mato-Grossense é considerado a maior planície alagada contínua do mundo, com 140.000 km² em território brasileiro, localizados nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Encontra-se no alto curso do Rio Paraguai com altitude entre 90 a 200m, sendo considerada uma imensa área de sedimentação e inundação cuja fonte provém do planalto que o circunda (SOUZA; SOUZA, 2010, p. 35).

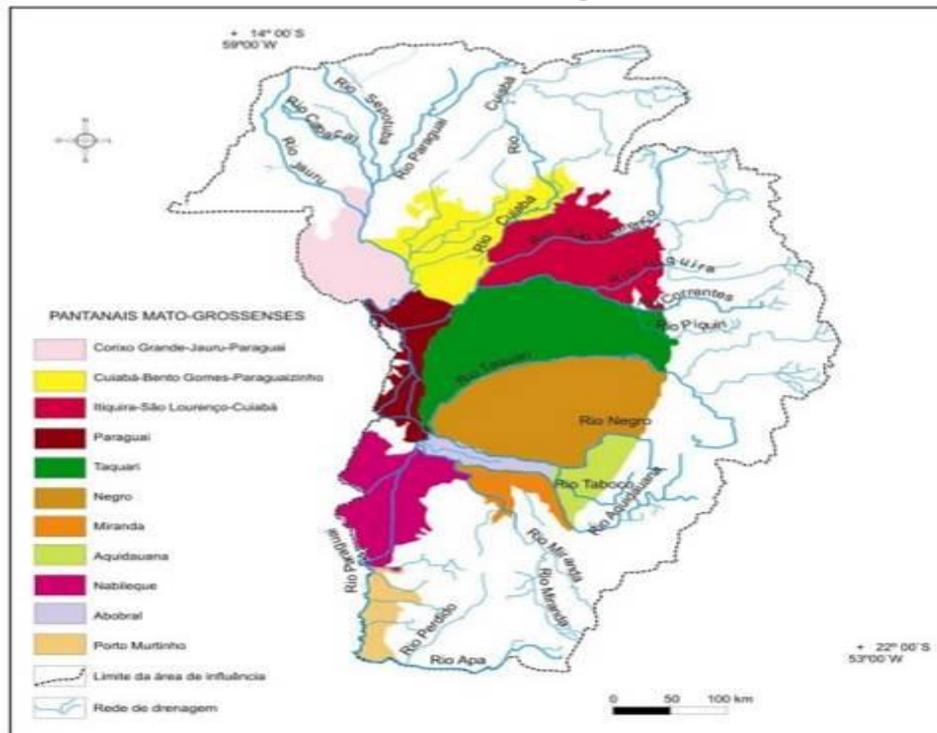
De acordo com Ross (2001, p. 186), “[...] os primeiros exploradores paulistas chamaram de mato-grosso a paisagem que encontraram ao ultrapassar o Rio Paraná”. A expressão passou a denominar toda a área de cerrado e a região do Pantanal que, no:

[...] Brasil, correspondem às planícies sedimentares inundáveis da depressão da bacia hidrográfica do Rio Paraguai. São terrenos muito baixos que se estendem pelo Chaco Paraguaio e se prolongam até as planícies pampeanas da América do Sul. O complexo sistema de drenagem que inunda as planícies recebe, conforme a área da bacia, denominações regionais, tais como Paiaguás, Nhecolândia, Miranda, etc. (ROSS, 2001, p. 186-187).

Ross (2001) assevera que a depressão do Pantanal se formou, provavelmente, após a separação da antiga Gondwana e o soerguimento da Cordilheira dos Andes, dando origem à bacia drenada pelo Rio Paraguai, fato destacado durante o trabalho de campo. Contribuem para o regime de inundação as sub-bacias dos Rios São Lourenço, Cuiabá, Miranda, Taquari, Aquidauana, Nabileque, Apa, Negro etc. – parte das paisagens dessa última drenagem constitui o objeto de estudo deste artigo.

Silva e Abdon (1998), ao estudarem o Pantanal mato-grossense, propuseram uma divisão em 11 pantanais, com base em material de origem, tipo de solo, drenagem, altimetria e vegetação, associados às bacias hidrográficas, cartografadas como sub-bacias ou sub-regiões (Figura 1): Corixo Grande-Jauru-Paraguai (Pantanal de Cáceres); Cuiabá-Bento Gomes-Paraguaizinho (Pantanal de Poconé); Itiquira-São Lourenço-Cuiabá (Pantanal de Barão de Melgaço); Taquari (Pantanal do Paiaguás e Pantanal de Nhecolândia); Negro (Pantanal do Abobral); Miranda-Aquidauana (Pantanal do Miranda e Pantanal de Aquidauana); Nabileque (Pantanal do Nabileque); Jacadigo e de Paiaguás (Pantanal do Paiaguás); e confluência dos Rios Nabileque e Paraguai (Pantanal de Porto Murtinho).

Figura 1 - divisão dos 11 pantanais e suas respectivas sub-bacias hidrográficas e/ou sub-regiões.



FONTE: Silva e Abdon (1998), adaptado por Souza e Cunha (2004).

Durante o trabalho de campo, não foi possível perceber os alagamentos na região visitada, pelo fato de terem ocorrido em período de seca. Assim, Ross (2001, p. 187) arrazoou que “[...] os pantanais ocorrem em clima tropical com temperaturas elevadas e estação seca prolongada. O período mais quente ocorre em novembro-dezembro”. Para Branco (1997, p. 63), aos que sabem apreciar os valores da natureza, o Pantanal é, ao mesmo tempo, uma das mais belas e estranhas paisagens do mundo:

Estranha, porque constituída de solos inundados, em que não consegue distinguir os limites de seus Rios, como se fosse tudo um grande mar semeado de ilhas alongadas em seu interior. Bela, porque, apesar disso (ou por causa disso), essa “paisagem aquática” abriga uma variadíssima flora, de diversificada composição e distintos matizes, servindo de pouso e abrigo a bandos enormes e coloridos das mais diversas espécies de aves, bandos que vistos do alto parecem manchas movediças contrastando sobre o fundo verde.

Porquanto, pode-se entender o mosaico paisagístico dessa região e a riqueza ecológica, em contradição com as dificuldades de acesso a lugares como o Pantanal do Rio Negro. Guerra (1980, p. 312) define geomorfologicamente tal lugar como uma “[...] extensa planície de sedimentos holocênicos, onde se encontram alguns blocos falhados”. Ademais, destaca que é uma área de afundamento tectônico, com paisagem de 388.995 km².

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO NAS PAISAGENS RURAIS E TURÍSTICAS NO PANTANAL DO RIO NEGRO

Durante o trabalho de campo realizado no Pantanal do Rio Negro, teve-se como base de apoio e investigação uma Pousada Rural, localizada no município de Aquidauana, a 140 km do núcleo urbano, a 127 km da cidade de Rio Negro e a 280 km da capital do Mato Grosso do Sul, Campo Grande. A Pousada localiza-se nas coordenadas 19°30'18"S e 55°36'45"W (Figuras 2), é drenada pelo Rio Correntoso, na planície de inundação do Rio Negro. A infraestrutura turística tem como destaque um refeitório, onde são servidos café da manhã, almoço e jantar.

Esse espaço é composto por móveis de madeira, que proporcionam um aspecto rústico ao local e valorizam a ruralidade do ambiente, além de ar-condicionado e protetores em janelas e portas, para evitar o contato de turistas com insetos da paisagem pantaneira. Refrigerantes e cervejas são comercializados no local e também podem ser encontrados nos grandes centros urbanos.

Figura 2 - chalés da pousada rural.



FONTE: Vieira Santos (2019).

No que tange à culinária local ou regional, são servidos durante o almoço e o jantar, além do pão de queijo pantaneiro, a sopa paraguaia e o arroz carreteiro, o caldo de piranha, entre outros pratos típicos. Desse modo, Ribeiro-Martins e Silveira-Martins (2017, p. 187) ressaltam que a alimentação é um dos elementos essenciais da experiência turística, em que o

turismo gastronômico “[...] surge não apenas como uma atividade econômica autônoma, mas também como um catalisador do desenvolvimento e crescimento regional, visto que complementa e apóia outras formas de turismo”. Todavia, o turismo gastronômico é reconhecido por Silva et al. (2019, p. 137), como uma importante componente “para o desenvolvimento local e regional”.

Nos chalés há ar-condicionado, chuveiro aquecido por energia solar, suíte e frigobar. Destacam-se também o redário² em quiosque aberto, a piscina e o Museu de História Natural (Figura 3), com espécies que passaram pelo procedimento de taxidermia³. Elas seriam descartadas, mas foram resgatadas para reconstituir suas características físicas.

A sala de entretenimento é equipada com TV, controle remoto e sofás, com estrutura completamente em madeira, coberta com telhas de cerâmica – o entorno é fechado com rede de proteção, evitando a entrada de insetos. Tal pousada conta com pista de pouso asfaltada, computador com internet no escritório, disponível aos turistas, e telefone celular para comunicação dos hóspedes. Possui ainda uma sala de reunião ou para aulas de campo de estudantes/pesquisadores que desenvolvem atividades no Pantanal do Rio Negro.

Figura 3 – Museu do Instituto de Pesquisas do Pantanal



FONTE: Vieira Santos (2019).

Evidentemente, o espaço turístico rural mantém uma programação variada com cavalgadas, passeios de barco ‘canadense’, safári fotográfico, focagem noturna, caminhada

² Ambiente com redes para descanso.

³ Termo grego que significa “dar forma à pele”, é a arte de montar ou reproduzir animais para exibição ou estudo. É a técnica de preservação da forma da pele, planos e tamanho dos animais (HIDASI FILHO, 1973).

em trilhas e um mirante de 16m de altura. O visitante também poderá agendar na pousada e acompanhar os projetos de pesquisas desenvolvidos no local, conforme os convênios entre o local e a Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP) para sediar o Instituto de Pesquisas do Pantanal (IPPAN).

Outrossim, “[...] o turismo pode ser considerado um dos veículos da promoção das aprendizagens onde as pessoas adquirem alguns estímulos que determinam a mudança da sua conduta” (PIEDADE, 2017, p. 25). As observações mostram um conjunto de atividades educativas:

[...] que utiliza como recurso didático as atividades agrícolas e pecuárias, bem como, os recursos naturais e culturais ali existentes, o turismo rural pedagógico emerge como uma alternativa inovadora que reflete as características do novo rural. Aspectos como educação, meio ambiente, agricultura familiar, universo rural e integração social representam alguns dos muitos elementos que envolvem esse tema atual. Em face disso, o turismo rural pedagógico pode ser definido como uma atividade que perpassa por diferentes áreas do conhecimento. No âmbito da educação, o turismo rural pedagógico também tem ganhado visibilidade enquanto uma ferramenta de ensino que vai além da sala de aula, desenvolvida no âmbito das propriedades rurais em que os agentes educativos são os agricultores (KLEIN; SOUZA, 2015, p. 473).

No trabalho de campo foi apresentado, aos pesquisadores e turistas presentes, o ‘Projeto de Fluxo Contínuo’, que visa revitalizar os negócios sustentáveis da fauna silvestre, utilizando o jacaré como objeto de estudo. A proposta se inicia pela análise do macroambiente, descrevendo a evolução e os aspectos favoráveis e limitantes do jacaré do Pantanal.

Em seguida, foram destacadas as informações e tecnologias que dão suporte teórico e que devem garantir a sustentabilidade da atividade. A descrição da operacionalização do sistema produtivo é seguida pelo plano de marketing, que contempla os estudos de avaliação do mercado atual e potencial, as questões competitivas e os planos de comunicação e apresentação dos produtos (POUSADA REFÚGIO ECOLÓGICO ARARAÚNA, 2018).

De acordo com os responsáveis pela pesquisa, o uso comercial do jacaré no Pantanal oferece uma oportunidade ímpar para verificar a viabilidade de um modelo inovador de gerência de recursos faunísticos no Brasil. Com base nos indicadores de sustentabilidade biológicos e socioeconômicos, é possível monitorar a eficiência do programa e analisar seu papel como mecanismo de conservação e uso adequado dos ecossistemas do Pantanal (POUSADA REFÚGIO ECOLÓGICO ARARAÚNA, 2018).

Na atividade de campo foi realizada uma visita ao criatório de jacaré, que conta com cerca de 800 animais acompanhados por biólogos – o lugar e os animais formam um dos

atrativos turísticos da pousada rural. Há outros projetos executados no lugar, como Arara-Azul, Queixadas e Ecologia Aquática, bem como pesquisas sobre biônica, modelos biológicos na fauna, memória cultural do pantanal etc.

Durante o trabalho de campo foram visitadas e estudadas algumas ‘paisagens físicas’ do Pantanal do Rio Negro, a exemplo das baías e cordilheiras. De acordo com Guerra (1980, p. 49), “[...] no estado do Mato Grosso, os habitantes da região do Pantanal chamam de baías às imensas lagoas que são separadas por terras altas”, e Branco (1997, p. 16) complementa tal aspecto ao dizer que “[...] tais lagoas podem medir de 100 ou 200 metros até vários quilômetros de extensão. Algumas são salgadas e, ao secar, na estiagem, dão origem aos barreiros, depósitos de sal misturados a terra”.

Baías que compõem o Pantanal do Rio Negro, onde está localizada a Pousada Rural, permanecem com água nos 365 dias do ano, visto que, apesar de a atividade de campo ter ocorrido no período de pouca precipitação na região, ainda havia um volume considerável de água. Entre uma baía e outra, as pequenas elevações do terreno são denominadas de cordilheiras, vistas como “[...] pequenos níveis de terraço que aparecem por entre as lagoas” (GUERRA, 1980, p. 107). De acordo com as informações do trabalho de campo, o Rio Negro espraia bastante e, nas baías próximas à pousada, o campo sazonal fica inundado, criando um microambiente com muitos insetos e a presença de eichórnia flutuante (*Eichhornia crassipes*), conhecida como aguapé (planta aquática).

Outro atrativo físico são os corixos que, segundo Guerra (1980, p. 107), trata-se de uma “[...] denominação regional do Pantanal do Mato Grosso, para os pequenos riachos permanentes que ligam as baías”. Com base nisso, pode-se pensar que inúmeras vezes são verificados interlocutores que expressam admiração e interesse pela fisiografia do Pantanal do Rio Negro. Tais sentimentos se mostram intimamente associados com importantes fenômenos de natureza endógena ou exógena que, de alguma forma, são percebidos e divulgados pela mídia, como terremotos, cachoeiras, montanhas, praias, falésias, cavernas, voçorocas e erupções vulcânicas.

Guerra (2006) expõe que a geomorfologia pode contribuir significativamente com o turismo, na medida em que procura compreender os processos formadores de relevo, bem como a sua dinâmica externa que pode ser mais ou menos afetada, em virtude do tipo de ocupação a que determinada porção do território possa estar exposta:

A Geomorfologia aplicada ao turismo pode ser de grande valia para que essa atividade possa florescer, com aproveitamento máximo das belezas naturais de

uma determinada área [...]. Enfim, uma grande variedade de ambientes que a geomorfologia vem estudando há muito tempo, tendo sido desenvolvida uma série de teorias e modelos sobre essas e muitas outras partes da superfície terrestre (GUERRA, 2006, p. 43).

Para o autor, o turismo pode utilizar os conhecimentos para realizar uma gestão adequada desse tipo de atividade, sem que aconteçam problemas ambientais para, assim, chegar ao turismo sustentável. Na fauna dessa paisagem, notaram-se anfíbios (sapos e pererecas), répteis (jacaré do pantanal, cobras e lagartos, além de aves como o tuiuiú (*Jabiru mycteria*), conceituado por Branco (1997, p. 37) como:

[...] trata-se de ave de grande porte, atingindo mais de 1 metro de altura, com o corpo todo branco, mas a cabeça, o pescoço e o bico completamente negros, com exceção de um colar, na base do pescoço, que não possui penas, exibindo a pele bem vermelha. Seus ninhos, no alto das árvores, são formados de ramos traçados e possuem mais de 2 metros de diâmetro. É a ave símbolo do Pantanal (BRANCO, 1997, p. 37).

O tuiuiú encanta os turistas e até mesmo os pesquisadores também quando está em terra firme e se prepara, de forma ‘desengonçada’, para voar. Ainda foram percebidas espécies como gaviões, porcos-do-mato, morcegos, veados e pequenos peixes. Na Pousada Rural, fica explícita a preocupação com o meio ambiente interno, sobretudo no que tange aos latões para a coleta seletiva do lixo produzido pelos turistas.

Sem esgotar o potencial regional, é preciso citar os atrativos como a Transpantaneira (Rodovia MT-060), a produção artesanal, o homem pantaneiro e a arenosidade da cobertura pedológica. A região da pousada possui um grande potencial rural e ecológico, com importantes componentes para o desenvolvimento do turismo rural e de observação, bem como do ecoturismo. Há espaços aptos ao desenvolvimento do turismo rural pedagógico que, por sua vez, “[...] compreende uma atividade de significativo valor para a educação no cenário em que as pessoas se encontram” (KLEIN; SOUZA, 2015, p. 485).

Diante disso, os sujeitos envolvidos com o trabalho de campo salientaram que as paisagens da região onde está a Pousada Rural surgem com o ideário de uma natureza intocada e selvagem. Elas são capturadas e oferecidas aos turistas como uma forma de ‘contato com os espaços verdes’, ‘os refúgios ecológicos’ e ‘uma região selvagem’, vistas como áreas supostamente naturais protegidas do mundo urbano.

A partir dos contatos realizados *in situ*, afirma-se que atrativos turísticos, territórios e paisagens rurais do Pantanal do Rio Negro possuem uma demanda turística em função das atrações e seduções da riqueza espacial; por conseguinte, não podem ser consideradas restritas para os sujeitos que estavam presentes no trabalho de campo. Com base em Santos

(2018), assegura-se que são verificados conteúdos de ruralidade na paisagem investigada, o que explicita a relevância do turismo rural (ou no espaço rural) para as sociedades atuais, pois, nos últimos anos, esse setor econômico é um dos que mais cresce no mundo moderno, especialmente em países da Europa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso turístico rural sustentável dos recursos naturais ou físicos das paisagens não prega uma natureza intocada ou pouco explorada, mas pautada em uma gestão responsável que se volta a formas de utilização sem extremas agressões e danos ao meio visitado, trazendo, ao invés de prejuízos, benefícios para o vivido e o natural. Talvez, na falta do estado permanente de uma gestão responsável, seja possível encontrar contradições e a inexistência de uma definição clara e completa sobre os usos do rural para o turismo, gerando complexidade e ausência de práticas relativas a uma gestão ecologicamente correta dos lugares protegidos como os espaços visitados no interior do Mato Grosso do Sul.

Práticas de turismo rural podem contribuir com a integração cultural e ecológica de pequenos municípios do interior do Brasil, especialmente os que possuem grande potencial rural. Contudo, sem uma política cultural, vinculada aos bens materiais e imateriais, não será possível a participação dos setores populares e da comunidade. No caso do desenvolvimento turístico local, são importantes as relações entre o aspecto econômico e o espaço vivido para valorizar não apenas os aspectos naturais, mas também os conteúdos materiais e imateriais do lugar. Notoriamente, a cultura do ‘Homem Pantaneiro’ não pode ser marginalizada e não há a possibilidade da imagem da cultura no Pantanal ser desvinculada dos fatores físicos da paisagem.

Turistas com motivação para conhecer regiões com ricos conteúdos de ruralidade poderão vivenciar as paisagens culturais e ecológicas predominantes, como as apresentadas neste artigo. Com isso, pode-se construir atração e interesse por elementos como tradições, manifestações e simbolismos de paisagens e territórios com condições ambientais frágeis. No entanto, essas visitas precisam ser pensadas a partir de um planejamento responsável.

Certamente, as paisagens culturais do objeto ora investigado têm uma forte ligação com a pecuária e a agricultura do Pantanal. Outras pesquisas ainda precisam ser realizadas, visando contribuir com a reflexão sobre história, cultura, identidade e sentimentos do povo e suas relações com as práticas produtivas e o turismo rural. Tal fator é imprescindível para a

preservação e a conservação local, desde que pautado em atividades educativas executadas por gestores e empreendedores conscientes.

REFERÊNCIAS

BAGEGA, C. S.; WERLANG, N. B. Turismo rural: perspectivas teóricas e agenda de pesquisa. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 5, n. 2, p. 278-300, jul./dez. 2017.

BRANCO, S. M. **Pantanal mato-grossense**. São Paulo: Moderna, 1997.

GALLOIS, L. **Régions naturelles et noms de pays: étude sur la région parisienne**. Paris: Armand Colin, 1908.

GUERRA, A. J. T. **Dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: FIBGE, 1980.

GUERRA, A. J. T. **Geomorfologia ambiental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HIDASI FILHO, J. **Fundamentos de taxidermia**. Cuiabá: CODEMAT; SPRNA; UFMT, 1973.

KLEIN, A. L.; SOUZA, M. de. Turismo rural pedagógico como prática educativa que favorece a aprendizagem: a impressão de um grupo de professoras. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 467-488, set./dez. 2015.

LENCIONNI, S. Região e geografia: a noção de região no pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

MORAES, A. C. R. **Geografia – pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1990.

NEVES, K. F. T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica**. Ilhéus: Editus, 2015.

PIEIDADE, B. da. A pedagogia social e o turismo social: interfaces. **Revista Eletrônica de Investigação e Desenvolvimento**, Maputo/Moçambique, v. 1, n. 8, p. 18-35, 2017.

PIMENTA, H. F. Diferenças de gênero na prática das atividades de lazer no turismo em espaço rural (ter)na sub-região do Minho Lima, Portugal. **Turismo: Estudos & Práticas**, Mossoró, v. 3, n. 1, p. 124-153, jan./jun. 2014.

POUSADA REFÚGIO ECOLÓGICO ARARAÚNA. 2018. Disponível em: <<https://refugioecologicoararauna.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

RIBEIRO-MARTINS, C. S.; SILVEIRA-MARTINS, E. Turismo gastronômico: uma pesquisa bibliométrica em bases de dados nacionais e internacionais. **Revista Turismo – Visão e Ação**, v. 20, n. 1, p. 184-208, jan./abr. 2018.

ROSS, J. L. S. (Org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2001.

SANTOS, J. C. V. Sujeitos, música e carnaval sertanejo no interior de Goiás (Brasil): manifestações artística, lúdica e reveladora de particularidades. **Revista Desenvolvimento e Sociedade**, Évora/Portugal, v. 5, n. 2, p. 35-46, dez. 2018.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SERPA, A. Milton Santos e a paisagem: parâmetros para a construção de uma crítica da paisagem contemporânea. **Paisagem-Ambiente: Ensaios**, São Paulo, n. 27, p. 131-138, 2010.

SILVA, B. I. R.; SANTOS, J. C. V. S.; MARQUES, G. G.; CUNHA LEAL, E. S. F.; SOARES, C. B. A. Aguardentes e Licores da Região Algarve (Portugal): histórias de um destino turístico. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais – UEG/Campus Iporá, Goiás**. v.8, n.1, p. 126-140, Jan./Jun., 2019.

SILVA, J. S. V.; ABDON, M. M. Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v. 33, núm. esp., p. 1703-1711, out. 1998.

SILVEIRA, L. O último Pantanal. **Os Caminhos da Terra**, São Paulo, n. 5, ed. 85, p. 44-45, maio 1999.

SOUZA, C. A.; CUNHA, S. B. Dinâmica das águas no Pantanal mato-grossense. **Ação Ambiental**, Viçosa, ano 6, n. 26, jan/fev. 2004.

SOUZA, C. A.; SOUZA, J. B. Pantanal mato-grossense: origem, evolução e as características atuais. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Três Lagoas, n. 11, ano 7, p. 34-54, maio 2010.

TEIXEIRA, A. R.; SOUZA, M. de S. A valorização da ruralidade a partir do turismo: Roteiro Turístico Caminhos Rurais, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 231-251, abr. 2012.

Jean Carlos Vieira Santos – Professor e pesquisador da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Caldas Novas. Graduação, mestrado e doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia - MG. Pós-doutorado em Turismo pela Universidade do Algarve - Portugal.

Vandervilson Alves Carneiro – Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor do Mestrado em Geografia (PPGEO/UEG/Campus Cora Coralina).

Edevaldo Aparecido Souza - Pós-doutorado em Geografia pela UFMS e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (IGUFU). Professor do Mestrado em Geografia (PPGEO/UEG/Campus Cora Coralina).

Auristela Afonso da Costa– Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG. Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás (GO).

Vinícius Polzin Druciaki – Professor do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás-UEG, campus Cora Coralina, Cidade de Goiás. Doutor em Geografia pelo programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho -UNESP, campus Rio Claro-SP. Mestre em Geografia pelo programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá-UEM, e Graduado e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Centro Oeste-UNICENTRO.

Recebido para publicação em 27 de novembro de 2019.

Aceito para publicação 09 de dezembro de 2019.

Publicado em 11 de dezembro de 2019.